

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educar, para quê?** Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola. Uberlândia/Goiânia, Universidade Federal de Uberlândia/ Editora Universidade Católica de Goiânia, 1986.

Tiago Adão Lara\*

### RESENHAS

O livro de Reinaldo Matias Fleuri: Educar, para quê? é um livro aberto. A primeira página não está no livro: é a vida. A vida dele, Reinaldo, professor-educador, que viveu experiências ricas, e, por isso mesmo, contraditórias. A vida de seus alunos e da sociedade em que alunos e Reinaldo vivem. É a partir dessas experiências que Reinaldo reflete. É delas que nasce o livro.

Mas o livro continua aberto, depois de lido, porque é para questionar a vida e, até, para ser questionado pela vida, que ele foi escrito. Tanto é assim que o autor conclui perguntando: concluir para quê? a luta continua... O livro continua aberto, porque questiona, provoca, pode até indignar.

Todos os capítulos são intitulados em forma de pergunta: 1) Planejar, para quê?; 2) Escola, para quê?; 3) Educar, para quê?; 4) Normas, para quê?; 5) Nota, para quê? Pode parecer um pouco pedante essa mania de sempre perguntar. Sócrates também foi tachado de pedantismo. É que as pessoas costumam acreditar que alguém pergunte sinceramente. Sempre desconfiamos que, por detrás da pergunta, se esconde

sorradeira a resposta dogmática, já toda pronta. Sobretudo, se a pergunta parece questionar o óbvio. E as perguntas do Reinaldo parecem versar sobre o óbvio.

À medida, porém, que alguém se ponha a ler as 117 páginas do livro, escritas num estilo correto, elegante e simples, vai se convencer de que nem sempre o óbvio é realmente óbvio.

No subtítulo do livro: contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola, Reinaldo revela a sua perspectiva ou o seu enfoque. O subtítulo mostra ou insinua por que, em geral, se educa hoje: para dominar; e por que se deveria educar: para libertar.

O livro professa a fé na possibilidade de uma educação nova, que supere o esquema da educação autoritária e da educação liberal, ambas comprometidas com a manutenção do status quo. Essa educação nova é a educação libertadora.

Libertar a pessoa humana só é viável dentro de uma perspectiva de mudança radical das estruturas sociais. É por isso que Reinaldo reconhece os limites

\* Professor do Departamento de Filosofia da UFU.

das possibilidades educativas, hoje vigentes. Impõe-se, pois, a educandos e a educadores, o engajamento num projeto utópico, do qual se ensaiam experiências, e para realizar o qual se aproveitem todas as brechas. Existem as brechas próprias do campo pedagógico. Urge descobri-las e aproveitá-las.

Parece-me que a provocação do livro

de Reinaldo situa-se justamente aqui: empenho com a descoberta dos limites da ação pedagógica, na sociedade em que vivemos; procura das brechas, nas quais atuar.

O livro interessa, pois, a todo estudioso e, em especial, a todo aquele que quiser atuar no campo da educação.

SILVA, Aracy Lopes (Org.): **A Questão Indígena na Sala de Aula-Subsídios para Professores de 1º e 2º Graus**. São Paulo, Brasiliense, 1987, 253 p., ilustrado.

*Luis Donisete Benzi Grupioni\**

“No Brasil, ainda existe muitos índios que não são civilizados, mas, em grande parte também os índios já se comportam como todo ser humano. (...) Eles tem costume de brincar de fantasma usando lençóis brancos e outros objetos como fantasia: colares e vários enfeites coloridos.”

“mas os índios de antes eram muito rebeldes, não podendo ver pessoas estranhas. Agora os índios já estão bem desenvolvido e bem calmos.”

“O Juruna é que comanda tudo, se o Juruna manda eles matar alguém, eles matam. Todo mundo pensa que índio é mau, na verdade eles são bem mais civilizados que nos brasileiros. A não ser o índio africano, esses são fogo na roupa, se marca eles até te come.”

“Os índios antigamente eram super diferentes, eles falavam uma língua totalmente diferente. Eles não dormiam, ficavam dia e noite batucando. Os homens eram pintados, usavam brincos e colares.”

Estes são trechos de redações elaboradas por alguns alunos de uma escola da rede estadual de ensino, na periferia de São Paulo. A pedido do

professor, alunos da 6ª série do 1º grau escreveram sobre “Os Índios brasileiros”. Os trechos falam por si sós: estereótipo e preconceito. A única certeza é

\* Pesquisador no Acervo Plínio Ayrosa – Departamento de Ciências Sociais – USP.